

A natureza nos devaneios de Rousseau: refúgio e felicidade

HOMERO SANTOS SOUZA FILHO

Bacharel e mestrando em Filosofia pela Faculdade de Filosofia Letras e Ciências Humanas
da Universidade de São Paulo (FFLCH – USP).

Resumo: Este presente artigo pretende mostrar como o conceito de natureza, elaborado por Rousseau, tem papel decisivo no escrito autobiográfico *Os Devaneios do Caminhante Solitário*, pois esse conceito assume aí o papel de refúgio e fonte de felicidade para o filósofo. Encontrando-se num estado de solidão absoluta por ter sido forçado, por conspirações, a permanecer afastado da sociedade, Rousseau buscará então viver conforme a natureza, no contato imediato com ela, em meio a meditações e devaneios. Pelo sentimento da natureza, que Rousseau sempre cultivou, ele encontrará naquela um refúgio perfeito, pois ela oferece, tal como ele a sente, um ambiente de estética agradável, e em harmonia, que lhe trazem a tranquilidade e sensações satisfatórias a seu ser. Assim, sendo ela uma potência divina configurada numa ordem física favorável a sua sensibilidade, a natureza constitui-se para Rousseau, também, numa fonte de verdadeira felicidade, onde há benevolência, beleza, e equilíbrio.

Palavras-chave: felicidade; natureza; sensibilidade.

Abstract: The present paper intends to show how the concept of nature elaborated by Rousseau has a decisive role in his autobiographic essay *Reveries of a Solitary Walker*, for this concept assumes in this book the role of refuge and source of happiness for the philosopher. In a state of complete solitude, for being forced to keep away from society, because of conspiracy, Rousseau will search to live according to nature, in an immediate contact with it, among meditations and day-dreams. By the feeling of nature that Rousseau has always cultivated, he will find in it a perfect refuge, because it offers, the way he feels it, an atmosphere of pleasant aesthetics and harmony, which bring him serenity and satisfactory feelings. This way, being it a divine potency figured out in a physical order that is favorable to his sensibility, nature for Rousseau is also a source of true happiness, in which there is benevolence, beauty and balance.

Keywords: happiness; nature; sensibility.

Ideia central no pensamento de Rousseau, a noção de natureza não poderia deixar de exercer uma função de destaque no texto *Devaneios do Caminhante Solitário*¹, seu último escrito autobiográfico. Pois, sendo a filosofia de Rousseau composta por oposições, é à natureza que ele frequentemente recorre para desenvolvê-las, o que não poderia ser diferente nesse texto. No entanto, sendo estes escritos o relato das variações

¹ ROUSSEAU, Jean-Jacques. *Os Devaneios do Caminhante Solitário*. 3 ed. Brasília, Editora UnB, 1995.

das disposições da alma de Rousseau, não é apenas em oposição à sociedade que a natureza se manifesta aqui, mas simultaneamente em oposição ao infortúnio de Rousseau, à diversidade que os homens da sociedade lhe proporcionaram.

A palavra *natureza* denota, aqui nos *Devaneios*, um conceito ao qual Rousseau recorre ao encontrar-se em solidão, por ter sido expulso do mundo dos homens e, conseqüentemente, por não se identificar mais com este mundo humano. Dada a impossibilidade de permanecer em sociedade, Rousseau se lança para a oposição desta, ou seja, para o âmbito primitivo da natureza, que teve sua força originária, e benéfica, ocultada pela maleficência e alienação do âmbito social, o mundo dos homens.

Rousseau, portanto, reivindica a natureza ao isolar-se, procura acessá-la, afastando-se dos homens, o que coincide com sua pretensão de acessar verdadeiramente a si mesmo. A natureza, então, se manifesta pelo recolhimento de Rousseau, concedendo-lhe ele mesmo, ou seja, aquilo que ele trata como o seu “natural”. Neste caso, ela significa tanto uma potência exterior que compõe o mundo terreno em sua pureza, ou seja, não tocado pelo homem, quanto a sua potência interna, ou melhor, as suas predisposições que determinam suas ações e reações. Há, então, uma natureza física, que é sentida, e que consiste no que Rousseau chama de ordem natural; e, também, uma natureza humana, que sente aquela e determina nossas ações e reações; em outras palavras, essa natureza interior são as nossas inclinações naturais.

Vendo-se vítima de conspirações arquitetadas pelos homens sobre si enquanto vivia em sociedade, Rousseau a vê como objeto de aflições e de infelicidade, o que é renovado constantemente por aqueles. Resta-lhe, então, fugir da sociedade, do ódio que os homens incessantemente alimentam por ele, o que o levará, em solidão, de volta aos princípios, ou melhor, ao princípio gerador de tudo, o que ele chamará de mãe comum, que não é senão a natureza:

Enquanto os homens foram meus irmãos, fazia projetos de felicidade terrena; como esses projetos eram sempre relativos ao todo, somente poderia ser feliz de uma felicidade pública e a idéia de uma felicidade particular somente tocou meu coração quando vi meus irmãos procurarem a sua apenas na minha infelicidade. Então, para não os odiar, foi realmente necessário fugir-lhes; então, refugiando-me na mãe comum, procurei em seus braços subtrair-me aos ataques de seus filhos, tornei-me solitário, ou, como dizem, insociável e misantropo, porque a mais selvagem solidão me parece preferível à companhia dos maus, que somente se alimentam de traições e de ódio (ROUSSEAU, 1995, p. 96).

O conceito de natureza surge nos *Devaneios*, então, como um valor universal que carrega consigo a concepção mais antiga e venerável que os gregos atribuíam à ideia de *physis*. Pois, tal como os gregos interpretavam a *physis*, Rousseau interpreta a natureza como um princípio de vida e de movimento de todas as coisas existentes, e que cuida bem dos seres em que se manifesta. Portanto, assim como os gregos concebiam a *physis* como a Mãe universal, geradora de tudo e de todos, Rousseau, semelhantemente, concebe a natureza quando se refugia nela, em solidão, para escapar dos in-

fortúnios suscitados pelo âmbito social, e achar a felicidade possível.

A natureza, entendida por Rousseau como o princípio gerador de tudo, tal como os gregos entendiam a *physis*, assume aqui o papel de refúgio para ele em defesa contra os opróbrios sociais, ao mesmo tempo em que, não havendo a possibilidade de uma felicidade terrena, segundo o próprio Rousseau, é ela, sendo a mãe benevolente, que vai lhe proporcionar a felicidade possível. Pois o instinto natural de Rousseau o levará, na fuga dos homens, aos objetos que lhe agradam naturalmente, ou seja, aos objetos sensíveis que compõem a natureza como ordem física:

Fugindo dos homens, procurando a solidão, não imaginando mais, pensando ainda menos e, contudo, dotado de um temperamento vivo que me afasta da apatia languesciente e melancólica, comecei a ocupar-me com tudo o que me rodeava e, por um instinto muito natural, preferi os objetos mais agradáveis [...] (ROUSSEAU, 1995, p. 96).

O instinto natural de Rousseau o lança, então, para o contato imediato com a natureza, que lhe oferece objetos agradáveis. Isso porque ela se caracteriza por ser uma potência maternal que não somente cria os seres sensitivos (e o homem é um deles), lhes conferindo então a sensibilidade, como lhes proporciona uma ordem física de acordo com eles, o que significa que, por ser ela benevolente, concede-lhes a melhor forma de viver desde que eles cultivem um sentimento por ela (a natureza) e, consequentemente, traz-lhes a felicidade: toda mãe só pode querer o bem para os seus filhos, eis um dos princípios implícitos na concepção de natureza de Rousseau, e sendo ela a mãe universal, regressar para os seus braços é reencontrar o sumo bem; em outras palavras, a verdadeira felicidade.

Nota-se aí que, se Rousseau confere à natureza o poder da criação e uma benevolência inata, ele a toma então como expressão do divino, tingindo-lhe com religiosidade. Rousseau entende Deus como o criador de tudo; assim, sua vontade move todo o universo e, portanto, a natureza também²; esta que é como que uma potência criadora de fertilidade ininterrupta, elaborada por Ele (Deus) para permanecer em perfeita harmonia, oferecendo a todos os seres que nela habitam, ou a constituem, um habitat que contém tudo o que cada ser necessita. Sendo assim, na natureza, por ser obra de Deus e constituir-se na ordem física necessária para todos os seres vivos, não pode haver o mal, o que causaria a desordem, bem como dela não pode suscitar a infelicidade, pois esta seria um estado de carência, de incompletude, o que é incompatível com a intenção de Deus. Eis aí, em linhas gerais, alguns dos aspectos da religiosidade de Rousseau e, então, o que ele vai chamar de religião natural.

Isso vai levar Gouhier a afirmar que Rousseau sente a natureza como uma gra-

² Assim é o primeiro artigo de fé do Vigário de Saboia: “Creio, portanto, que uma vontade move o Universo e ainda a natureza. Eis meu primeiro dogma, ou meu primeiro artigo de fé” (ROUSSEAU, Profissão de fé do Vigário saboiano, in *Emílio ou Da Educação*, livro IV, 2004, p. 384).

ça, o que faz do pensamento de Jean-Jacques um *rationalisme religieux*³. Para Rousseau, a natureza é, então, uma graça divina dotada de uma benevolência imanente, o que faz com que, ao nos recolhermos nela, permaneceríamos assim livres do mal. É dessa forma que Rousseau sentiu a natureza, que o transporta para um outro mundo, todo este formado por ela, e onde não há o mal:

Jean-Jacques a si sincèrement senti la nature comme une grâce qu'il en a parlé comme d'une grâce qui deliver du mal, une grâce qui fait participer à une autre vie, une grâce qui rejaillit en prière. Aussi, cette nature a-t-elle agi comme une grâce, autour de lui et après lui (GOUHIER, 1984, p. 46).

É sob esse sentimento da natureza, então, que Rousseau encontrará seu refúgio ao recolher-se do convívio em sociedade, bem como a felicidade que lhe cabe na sua estranha condição de solitário. Esse sentimento que ele trouxe para o século XVIII, causando significativas transformações na literatura e no pensamento deste período⁴, já estava expresso em outras obras de Jean-Jacques, mas aqui nos *Devaneios* sentir a natureza torna-se uma expressão autorreferente; é a regra de conduta que toma o próprio autor destes escritos.

Vale observar que uma das possíveis fontes de inspiração de Rousseau, quanto à concepção de natureza como Mãe universal que nos gera e nos conduz à felicidade, pode ser encontrada no pensamento de Sêneca. Pois, segundo o pensador romano, a natureza nos gera e, se não nos afastarmos dela, poucas coisas nos são imprescindíveis para viver, e poderíamos encontrar a felicidade em nós mesmos. Como ele afirma (SÊNeca, 1973, p. 194, § V), “a natureza nos gerou em bom estado e nele estaríamos se dela não nos afastássemos. Ela fez com que não precisássemos de muitas coisas para viver prosperamente: cada um pode por si tornar-se feliz”.

Quanto à verdadeira felicidade, Rousseau nos dá uma bela descrição do que ele concebe por esta na Quinta Caminhada dos *Devaneios*; felicidade que ele encontrou no suave refúgio da ilha de St. Pierre (portanto em contato com a natureza), quando viveu lá por dois meses. Segundo ele, a verdadeira felicidade consiste na felicidade duradoura, num estado permanente de coisas, em que se vive um eterno presente e suprimem-se todos os sentimentos e prazeres, permanecendo apenas o sentimento de existência.

Após constatar que na terra tudo vive num fluxo contínuo, em que nada se conserva, e, portanto, a felicidade proveniente de alguma afecção sobre algo é efêmera porque esse algo se transforma, Rousseau põe em cheque a felicidade duradoura (ROUSSEAU, 1995, p. 76): “Assim, na terra, temos apenas um pouco de prazer que passa;

³ GOUHIER, Henri. *La nature qui est la Grace*, in. *Les méditations métaphysiques de Jean-Jacques Rousseau*. Librairie Philosophique J. Vrin, Paris, 1984.

⁴ Sobre o sentimento da natureza de Rousseau, Cassirer, em seu texto *A Questão Jean-Jacques Rousseau*, nos traz um significativo comentário (São Paulo: Editora UNESP, 1999, parte II, p. 81-84).

quanto à felicidade duradoura, duvido que seja conhecida”. Portanto, não consiste em felicidade o estado fugidio de nossos prazeres, mas Rousseau encontrou aquela felicidade enquanto viveu naquela ilha, ou seja, encontrou a felicidade ao devanear solitariamente, no auxílio da natureza. Eis a sua descrição:

Mas se há um estado em que a alma encontra um apoio bastante sólido para descansar inteiramente e reunir todo o seu ser, sem precisar lembrar o passado nem avançar para o futuro; em que o tempo nada é para ela, em que o presente dura sempre sem contudo marcar sua duração e sem nenhum traço de continuidade, sem nenhum outro sentimento de privação nem de alegria, de prazer nem de dor, de desejo nem de temor, a não ser o de nossa existência e em que esse único sentimento possa preenchê-la completamente, enquanto este estado dura, aquele que o vive pode ser chamado feliz, não de uma felicidade imperfeita, pobre e relativa, como a que se encontra nos prazeres da vida, mas de uma felicidade suficiente, perfeita e plena, que não deixa na alma nenhum vazio que sinta a necessidade de preencher. Tal foi o estado em que me encontrei muitas vezes na ilha de St. Pierre, em meus devaneios solitários, seja deitado em um barco, que deixava vagar ao sabor da água, seja sentado sobre as margens do lago agitado, seja em outro lugar, à margem de um belo rio ou de um regato a murmurar sobre o cascalho (ROUSSEAU, 1995, p. 76).

Essa concepção de que a verdadeira felicidade consiste num estado permanente junto à natureza⁵ Rousseau já havia expressado claramente em suas *Confissões*, em que ele relata inúmeras vezes seus momentos felizes que teve ao longo de sua vida, enquanto encontrava-se no campo. Já nesta obra, Rousseau afirma a necessidade de sentir esse estado permanente que confere a real felicidade:

É preciso passar por alto essas tentativas, que eram alegrias para mim, mas que eram muito simples para poderem ser explicadas. E ainda mais, a verdadeira felicidade não se descreve; sente-se, e sente-se tanto melhor quanto menos se pode descrever, porque ela não resulta de um conjunto de fatos, mas de um estado permanente [...] (ROUSSEAU, 2008, p. 228).

No *Emílio*, em que Rousseau pretende oferecer uma educação natural para o seu aluno imaginário Emílio, que o faça ser e viver conforme os ditames da natureza, esta não se apresenta somente como o mundo exterior ao homem, que lhe oferece os objetos propícios para a sua sensibilidade e, conseqüentemente, para a sua felicidade.

⁵ No Livro IV das *Confissões*, Rousseau, ao relatar seu passeio às margens do lago de Genebra e sua impressão pelo país de Vaud, ele já havia expressado aí a relação entre a vida realmente feliz e a natureza, já contendo a necessidade, expressada na citação acima, dos aspectos que compõem essa vida em natureza (o barco, o lago, etc.). Um pequeno trecho do livro IV nos exemplifica: “É-me preciso absolutamente um prado à borda desse lago e não de um outro. E é-me preciso um amigo fiel, uma mulher amável, uma vaca e um bote. Não gozarei de felicidade perfeita, na terra, enquanto não possuir isso tudo” (ROUSSEAU, 2008, p. 156).

Mas ela é também sua força criadora que lhe incutiu as disposições necessárias para gozar uma felicidade permanente. Quando Rousseau indaga (ROUSSEAU, 2004, p. 74) “em que, então, consiste a sabedoria humana ou o caminho da verdadeira felicidade?”, sua resposta está na equivalência entre a potência e a vontade, ou melhor, entre os desejos e as faculdades, conforme a natureza o prescreve, sendo, portanto, o único modo para o homem ser feliz:

Foi assim que a natureza, que tudo faz do melhor modo, inicialmente o instituiu. Ela lhe dá de imediato apenas os desejos necessários à sua conservação e as faculdades suficientes para satisfazê-los. Ela colocou todas as outras como que de reserva no fundo de sua alma, para que se desenvolvessem quando necessário. Só nesse estado primitivo o equilíbrio entre o poder e o desejo é reencontrado e o homem não é infeliz (ROUSSEAU, 2004, p. 75).

Na concepção de Rousseau, então, a natureza reside no homem, ao mesmo tempo em que este reside naquela. Ela é o seu princípio gerador, é o conjunto de suas disposições inatas, como a sensibilidade, e também a sua magnânima morada que lhe oferece um espetáculo inigualável, ou seja, a ordem física primitiva para a qual ele foi constituído. No mesmo *Emílio*, Rousseau expõe seu entendimento sobre a natureza enquanto encontra-se no homem, portanto, a natureza humana:

Nascemos sensíveis e, desde o nascimento, somos afetados de diversas maneiras pelos objetos que nos cercam. Assim que adquirimos, por assim dizer, a consciência de nossas sensações, estamos dispostos a procurar ou a evitar os objetos que as produzem, em primeiro lugar conforme elas sejam agradáveis ou desagradáveis, depois conforme a conveniência ou inconveniência que encontramos entre nós e esses objetos, e, enfim, conforme os juízos que fazemos sobre a idéia de felicidade ou de perfeição que a razão nos dá. Essas disposições estendem-se e firmam-se à medida que nos tornamos mais sensíveis e mais esclarecidos; forçados, porém, por nossos hábitos, elas se alteram mais ou menos segundo nossas opiniões. Antes de tal alteração, elas são o que chamo em nós a natureza (ROUSSEAU, 2004, p.10).

Eis por que a concepção de natureza de Rousseau ocupa a posição central em seu pensamento e, assim, ganha grande importância nos relatos que constituem os *Devaneios*, pois aqui ela se caracteriza por ser o refúgio e a fonte de felicidade de Rousseau no final de sua vida, após ter sido expulso da ordem social. E é a partir do sentimento da natureza, cultivado por Rousseau, que esta adquire tais características nos *Devaneios*, ao mesmo tempo em que é a própria natureza que faz de Rousseau o “mais sensível dos homens”, pois é ela que o gerou assim.

Esse sentimento da natureza confere a Rousseau o sentimento de sua existência, único sentimento necessário para se alcançar a felicidade; isso porque a natureza, como ordem física, consiste num sistema em harmonia, repleto de vivacidade, de beleza, e de

formas e movimentos que proporciona ao homem um gozo estético que o torna mais vivaz. Assim se expressou Rousseau na Sétima Caminhada dos *Devaneios*:

As árvores, os arbustos, as plantas são o enfeite e a vestimenta da terra. Nada é tão triste como o aspecto de um campo nu e sem vegetação, que somente expõe diante dos olhos pedras, limo e areias. Mas, vivificada pela natureza e revestida com o seu vestido de núpcias no meio do curso das águas e do canto dos pássaros, a terra oferece ao homem, na harmonia dos três reinos, um espetáculo cheio de vida, de interesse e encanto, o único espetáculo no mundo de que seus olhos e seu coração não se cansam nunca [...] (ROUSSEAU, 1995, p. 93).

O refúgio que a natureza oferece a Rousseau se caracteriza pelo espetáculo da vida que reanima a sua própria, pois não há nada mais de acordo com a sua sensibilidade do que os objetos vivos (as águas, os animais, as vegetações) que constituem a natureza, bem como a harmonia entre eles. E a sua sensibilidade intensificada o leva a um êxtase que o faz fundir-se, identificar-se com toda a natureza, a ponto de tomá-la como um todo onde ele se encontra e não mais se distingue:

Quanto maior for a sensibilidade de sua alma, mais o contemplador se entregará aos êxtases que excita nele essa harmonia. Um devaneio doce e profundo apodera-se então de seus sentidos e ele se perde, com uma deliciosa embriaguez, na imensidade desse belo sistema (a natureza) com o qual sente-se identificado. Então, todos os objetos individuais lhe escapam; nada vê, nada sente senão o todo. É preciso que alguma circunstância particular comprima suas idéias e circunscreva sua imaginação para que possa observar por partes esse universo que se esforça por abarcar (ROUSSEAU, 1995, p. 93).

As páginas dos *Devaneios*, portanto, exprimem bem a designação dada a Rousseau como o grande pintor da natureza que, ao pintá-la, lhe atribuiu aspectos carregados de potencialidade, como afirma Gustave Lanson⁶. Com um ímpeto de paixão até então nunca visto, Rousseau descreveu a natureza, por meio de uma visão artística, com uma profunda sensibilidade diante dela, nos expondo que, assim, goza das mais vivas e puras satisfações (alegrias). Concedeu-lhe um lugar de Soberania que, a partir de então, na literatura do século XVIII, fez com que o homem concorresse com ela a um lugar de destaque nos livros da época.

Com Rousseau o homem está agora inserido na natureza, é um atributo dela a partir do momento que a sente, aglutinando-se no todo formado por ela, o que lhe atribui uma nova vida. É como se Rousseau tivesse cunhado um novo *cogito* que nos diz:

⁶ LANSON, G. *Histoire de la Littérature française* (1912, p. 802).

sinto a natureza, logo existo, logo sou⁷. Atentando-se para os *Devaneios*, que é o último escrito autobiográfico de Rousseau, é notável que aí Jean-Jacques e a natureza compartilham praticamente os mesmos espaços, ambos estão aí entrelaçados, pois Rousseau pretende, nos *Devaneios*, voltar a ser completamente conforme a natureza. Quando ele se vê na condição de solitário, e sente a impossibilidade de permanecer no âmbito social, resta-lhe assim desenvolver um movimento de interiorização, de ocupar-se unicamente consigo mesmo. E o que Rousseau encontra e sente nessa volta para si é a natureza incutida nele, o que ele chamará de seu natural.

Esse sentimento da natureza elaborado por Rousseau, e que encontramos aqui nos *Devaneios*, traz consigo ainda uma força lírica, reintroduzida no século XVIII pelo próprio Jean-Jacques, que reinterpreta de modo singular a natureza, tomando esta como uma fonte de vida e felicidade para o homem (para Rousseau no caso dos *Devaneios*), em que este adentra ao senti-la. Eis o que Rousseau já havia expressado no romance *A Nova Heloísa*. Essa força lírica fundamental no sentimento da natureza, que Rousseau aplica para si nos *Devaneios*, já se expressava na vida dos personagens daquele romance, como observou Cassirer:

Desse modo, a força lírica fundamental de Rousseau, tal como ele a manteve da maneira mais profunda e pura na primeira parte da *Nova Heloísa*, consiste em deixar aparecer toda paixão e sentimento da natureza. Neste caso, o homem não está mais simplesmente “perante” a natureza; ela deixa de ser um espetáculo que ele desfruta como mero observador e contemplador, mas ele mergulha na vida interior dela e vibra em seus ritmos próprios. E aí reside para ele uma fonte de felicidade que jamais poderá se esgotar [...] (CASSIRER, 1997, p. 83).

A natureza, segundo a concepção de Rousseau, caracteriza-se então como refúgio e fonte de felicidade para ele, sobretudo nos *Devaneios do Caminhante Solitário*. Ela se apresenta como um refúgio perfeito para Rousseau, pois, como ordem física, ela consiste num espetáculo de vida e formas perfeitas, em harmonia, que oferece para ele todo o reino do sensível adequado para a sua exaltada sensibilidade e, conseqüentemente, lhe confere toda a satisfação, tudo o que lhe é necessário. E dada a sua magnanimidade, sua beleza e perfeição, ela o conduz a um estado de êxtase e embriaguez a ponto de ele se emaranhar, se confundir com ela. Quando Rousseau volta-se para si, ele acaba por voltar-se para a natureza, encontrando ele mesmo e tudo o que lhe apraz. Além de abarcar todo o sensível primitivo que entra em harmonia, que está de acordo com o natural de Rousseau, a natureza consiste, também, numa potência divina que gerou aquele, e que nele reside lhe conferindo sua sensibilidade. Assim, quando Rousseau sente a natureza física, por meio de sua própria natureza sensível (a sensibilidade), se expressa

⁷ Na *Profissão de fé do Vigário saboiano*, este afirma que: “Para nós, existir é sentir; nossa sensibilidade é incontestavelmente anterior à nossa inteligência, e tivemos sentimentos antes de ter ideias” (ROUSSEAU, 2004, livro IV, p. 410).

aí a natureza como uma totalidade em equilíbrio, que vem a ser, para aquele, uma fonte inesgotável de felicidade.

Referências bibliográficas

CASSIRER, Ernst. A questão Jean-Jaques Rousseau. São Paulo, Editora Unesp, 1999.

GOUHIER, Henri. *Les Méditations Méthaphysiques de Jean-Jacques Rousseau*. Paris: Vrin, 1984.

LANSON, Gustave. *Histoire de la Littérature française*. Paris: Librairie Hachette, 1912.

ROUSSEAU, Jean-Jacques. *Os Devaneios do Caminhante Solitário*. 3 ed. Brasília: Editora UnB, 1995.

_____. *Emílio ou da Educação*. 3 ed. São Paulo: Martins Fontes, 2004.

_____. *As Confissões*. Bauru: Editora Edipro, 2008.

SÊNECA, Lúcio Anneu. *Sobre a vida feliz*. São Paulo, Nova Alexandria, 2005.